



RELAÇÕES ÉTNICO- RACIAIS E EDUCAÇÃO: ESBOÇO DE UM PROJETO PEDAGÓGICO CURRICULAR

*Cristiane Maria Ribeiro**

RESUMO: O texto traz indicações para a construção de políticas para a educação da população negra brasileira, uma vez que traz a proposta educacional/pedagógica dos pesquisadores que trabalham com a temática o negro no Brasil. Esta proposta foi diagnosticada através de uma pesquisa realizada a partir da leitura de teses e dissertações produzidas em programas de pós-graduação *strictu sensu* no Brasil no período dos anos 70 à 2004.

Palavras - Chave: projeto pedagógico curricular – negro – educação

ABSTRACT: This text presents indications for the construction of policies addressing the education of the Brazilian black population, as it brings the pedagogical/educational proposal of researchers who work with the issue of black people in Brazil. This proposal was diagnosed through a research carried out on the basis of reading theses and dissertations produced in *stricto sensu* post-graduate programs in Brazil from the seventies to 2004.

Key-words: educational proposal – black people – education

Introdução

O objetivo deste artigo é apresentar sinteticamente os resultados de uma pesquisa que procurou identificar a proposta educacional/ pedagógica dos pesquisadores que trabalham com a temática o negro e a educação.¹ Os dados do trabalho foram conseguidos a partir do recolhimento, da leitura e análise de 101 pesquisas produzidas e defendidas em programas de pós-graduação *strictu sensu* no Brasil, no período que compreende os anos 70 até o ano de 2004.

Na primeira parte da investigação fizemos um retrospecto histórico dos estudos sobre o negro no Brasil com intuito de identificar as interpretações possíveis sobre a situação da população negra na sociedade brasileira. Para tanto, resumimos os principais estudos sobre o negro brasileiro realizados no final do século XIX e início do século XX. Neste

* Doutora em Educação pela FE/UFG – Docente do Curso de Pedagogia do CAJ/UFG
crismariaufg@hotmail.com

¹ Os dados aqui apresentados são resultados da tese de doutorado em Educação intitulada “As pesquisas sobre negro e educação no Brasil: uma análise de suas concepções e propostas” defendida na Universidade Federal de São Carlos no ano de 2005.

contexto destacou-se o pensamento de alguns estudiosos, entre eles: Oliveira Vianna e Nina Rodrigues que argumentavam em suas análises que o negro brasileiro possuía uma inferioridade inata. Sobressaiu-se também a leitura liderada por Gilberto Freyre que entre outros elementos argumentava que o Brasil possuía um padrão de relações raciais harmônicas iniciadas ainda no período da escravidão e determinada, principalmente, pela docilidade nas relações entre senhores e escravos.

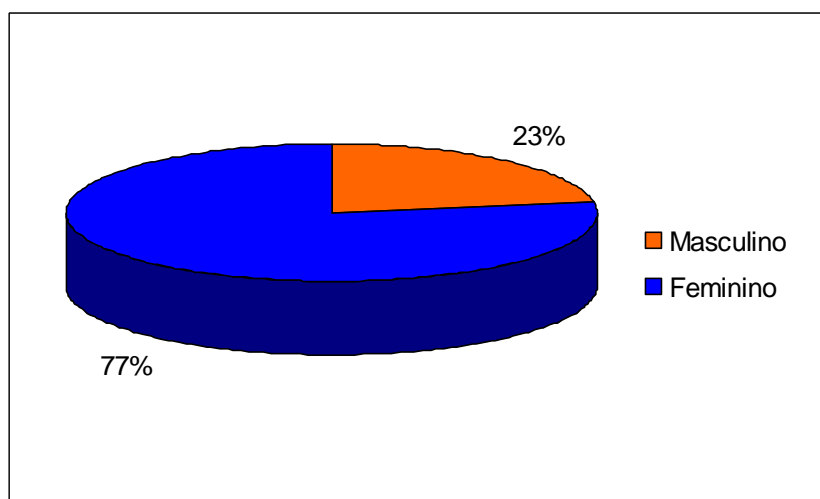
Nos anos 50 do século XX sobressaíram os estudos patrocinados pela UNESCO. Nesse contexto identificamos a existência de duas interpretações, a saber. De um lado, um grupo de estudiosos que caracterizavam o Brasil como uma sociedade multirracial de classes que defendiam a inexistência de preconceito e de discriminação racial no Brasil, alegando que a situação do negro brasileiro deveria ser analisada considerando as questões de classe. Neste mesmo contexto, abordamos a interpretação liderada por Roger Bastide e seus discípulos que analisaram a situação do negro brasileiro, relacionando-a ao processo de mudança social, argumentando que o passado escravista ganhava relevância na situação da atualidade, sendo responsável pela alocação do negro na estrutura social, ou seja, os estudiosos argumentavam que existe um atraso da população negra nas relações capitalistas e o responsável por essa situação seria o processo de escravidão.

Nos anos 70 do século XX apareceram os estudos sobre o negro brasileiro que utilizavam modelos de análises estatísticas e reconheciam as desigualdades entre negros e brancos no Brasil, destacando o peso que o preconceito e a discriminação tinham na estrutura social e, nesse contexto, sobressaíram as análises de Hasenbalg que, entre outras coisas, questionava o peso do passado escravista na situação do negro brasileiro e ressaltava a responsabilidade do racismo nesse processo. Por fim, resumimos alguns estudos que exploravam os conceitos de identidade étnica e etnicidade argumentando que os negros brasileiros possuíam marcas étnicas que são usadas como elementos em processos discriminatórios.

Em suma, traçamos um panorama de como se configuraram as interpretações sobre a situação do negro brasileiro. Foi possível verificar um percurso que saiu da pressuposição de sua inferioridade até a afirmação de uma especificidade, pois, tivemos do final do século XIX até o presente momento leituras com interpretações diferenciadas. De um lado, pensadores que acreditavam que os negros fizessem parte de um grupo com características inatas inferiores. De outro, tivemos um grupo que de diferentes formas, contestaram essas argumentações, mas que, porém, conseguiram perceber a existência do preconceito e da discriminação contra o negro brasileiro.

Na segunda parte do trabalho apresentamos os dados da pesquisa que, entre outras coisas, identificou o perfil das pessoas que se ocuparam em pesquisar a temática- o negro e a educação. Estes dados mostraram que 77% dos pesquisadores são mulheres, como mostra o gráfico abaixo.

Gráfico I – Distribuição dos pesquisadores por sexo.



Em se tratando da classificação racial, os dados da pesquisa mostraram que 31,5% dos pesquisadores se declararam negros, 5,4% se declararam mestiços, 2,1% afro-descendentes e 2,1% brancos. Por outro lado, 59% dos pesquisadores não mencionaram sua classificação racial. Para nós o número de negros e/ou afro-descendentes que pesquisaram sobre o negro e a educação é maior, porém a coerção de esquemas teóricos que buscam assumir uma posição de neutralidade intimidou nossos pesquisadores de se declararem e serem vistos como militantes, panfletários, ressentidos.

Como pudemos perceber, há um número considerável de pesquisadores do sexo feminino e também um número significativo de pesquisadores negros e afro-descendentes. Logicamente, não queremos induzir à crença de que somente pessoas negras devem produzir conhecimento sobre o negro, mas tão somente entender como se situam nesse universo tão complexo, que é a produção do conhecimento sobre a situação do negro brasileiro.

Ao tentar captar as justificativas dos pesquisadores que se declararam brancos para a realização da investigação, estes argumentaram que a questão não pode ser visualizada como um “problema de negro”, afirmando acreditar que a situação do negro é um problema nacional que deve ser estudado e equacionado por todos.

Os pesquisadores que se declararam mestiços e afro-descendentes quase sempre consideraram que os traços que sinalizam a ascendência africana os fizeram perceber e vivenciar situações de discriminação, o que os conduziram a refletir e construir conhecimento sobre o negro em suas pesquisas

Foi possível perceber que os pesquisadores que se declaram negros em suas pesquisas associaram essa declaração a diversos elementos. Podemos mencionar aqueles que afirmaram que ser negro, de alguma forma, interferiu no processo de investigação, em especial, por facilitar e motivar as pesquisas. Temos também pesquisadores que ressaltaram que o fato de ser negro ajudou a compreender melhor a ambigüidade das relações raciais brasileiras. Há também pesquisadores que afirmaram que nem sempre souberam sua condição de negro e que a descobriram no decorrer da vida, por outro lado temos aqueles pesquisadores que sempre souberam da sua condição.

Outro elemento que buscamos identificar nesta investigação foi o perfil das pesquisas, assim, procuramos identificar, por exemplo: região do país em que se encontra a instituição pela qual foi realizada a pesquisa, unidade da federação onde se localiza a instituição na qual foi produzida a pesquisa; caráter da instituição; nível da pesquisa (mestrado, doutorado ou livre docência) área do conhecimento, ano de conclusão..

Os dados mostravam que a Universidade de São Paulo com 18,8% foi a instituição que mais produziu pesquisa sobre o negro e a educação no país, seguida pela Universidade Federal de Minas Gerais com 10,8% da produção nacional e logo após encontramos a Universidade Federal da Bahia com 9,9%. Pudemos perceber ainda que 88% destas investigações foram produzidas em instituições públicas contra 12% que foram produzidas em instituições particulares. Quanto a região do país, a maioria da produção 61% se deu na região Sudeste, 18% foi produzida na região Sul, 17 % na região Nordeste, 3% na região Centro-Oeste e somente 1% na região Sul. (VER PORQUE ESSA REGIÃO JÁ FOI FALADA).

Em se tratando da unidade da Federação, os dados da pesquisa mostraram que se encontra em São Paulo 39,6% das instituições onde se produziu pesquisa sobre o negro e a Educação, 14, 8 % estão localizados no Rio Grande do Sul e 11, 8% estão em de Minas Gerais, como mostra o quadro abaixo.

Quadro I-Distribuição das instituições onde foram realizadas pesquisas sobre o negro e a

educação no país.

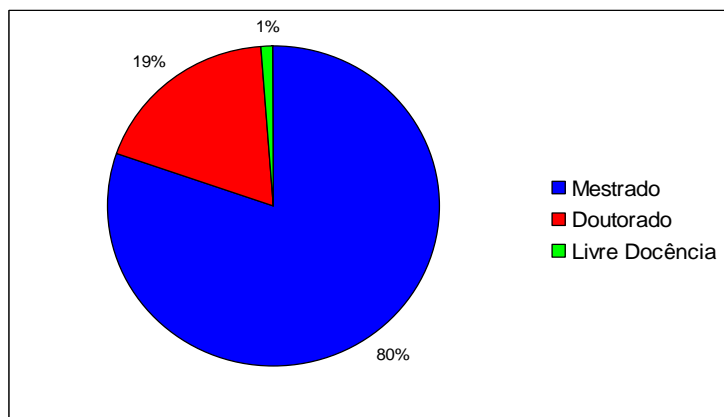
ESTADO	PERCENTUAL
São Paulo	39,6%
Rio Grande do Sul	14,8%
Minas Gerais	11,8%
Bahia	10,8%
Rio de Janeiro	9,9%
Ceará	2,9%
Mato Grosso	1,9%
Santa Catarina	1,9%
Piauí	0,9%
Pernambuco	0,9%
Paraná	0,9%
Paraíba	0,9%
Distrito Federal	0,9%
Mato Grosso do Sul	0,9%
Total	99

No tocante ao financiamento, os dados refletem a situação da pesquisa brasileira onde a maioria dos trabalhos não contou com financiamento por parte das agências de fomento à pesquisa. Porém, dos que foram financiados, 17,82% receberam financiamento da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e 15,84% do CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).

Em suma, os dados acima mostram, ao nosso ver, que o perfil das pesquisas sobre o negro e a educação é similar à pesquisa educacional brasileira de forma geral, ou seja, são feitas em sua maioria em universidades públicas, na região Sudeste e quase sempre sem financiamento.

É também muito interessante o fato de 80% das pesquisas serem em nível de mestrado, 19% em nível de doutorado e somente 1% em nível de livre docência, como mostra o gráfico abaixo.

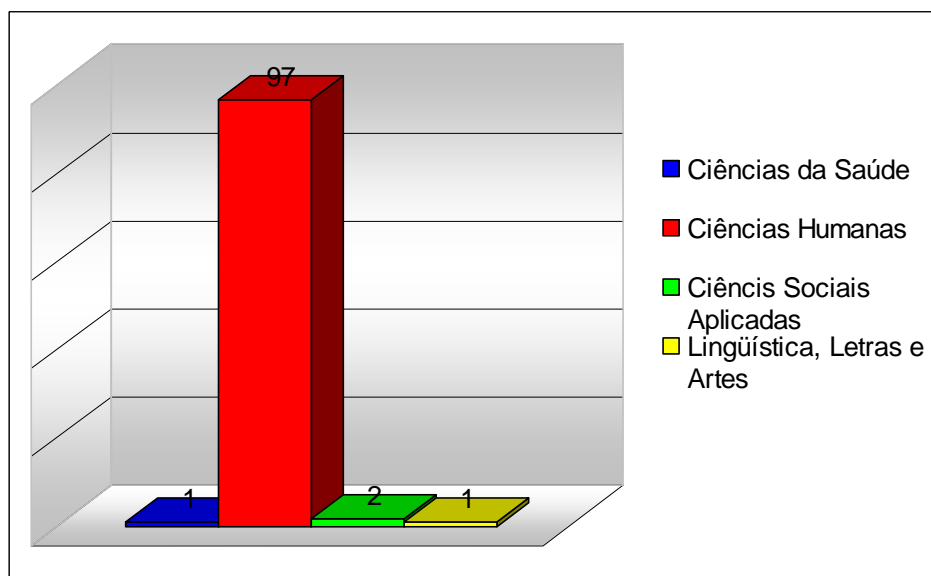
Gráfico II – Distribuição das pesquisas sobre negro e a educação por nível de escolarização.



Essa configuração, para nós, é uma evidência clara que existe uma tendência de as pessoas evitarem pesquisas e orientações sobre temas políticos e polêmicos, ou também pode ser que os pesquisadores percebam um silenciamento, uma invisibilidade imposta aos seus trabalhos pela academia; sendo assim, escasseiam-se os trabalhos sobre o negro, dificultando assim argumentações teóricas que embasem políticas públicas para reverter a situação catastrófica em que se encontra a população negra brasileira.

Em se tratando da área do conhecimento, 75,24% das pesquisas são da área de Educação, como pode ser visualizado no gráfico abaixo.

Gráfico III – Distribuição das pesquisas sobre o negro e a educação por grandes áreas do conhecimento



Pudemos identificar ainda que 1,98% das pesquisas foram produzidas nos anos 70, situação que se modifica nos anos 80 quando foram produzidas 4,95%, 53,44% nos anos 90 e 37,62% foram produzidas a partir do ano de 2000.

Em se tratando dos autores que estão mais presentes nas referências bibliográficas das pesquisas, vale destacar que Hasenbalg apareceu nos 59% dos trabalhos, Florestan Fernandes em 52%. Pudemos inferir ainda que os autores que desenvolveram a idéia de que o Brasil é uma sociedade multirracial de classes foram praticamente ignorados e, para nós, é essa ausência sintomática, pois sinaliza a impossibilidade de suas idéias serem aceitas. O fato de que em nossa leitura há a presença significativa de Freyre significa tão somente a necessidade que esses pesquisadores têm de desconstruírem o mito da democracia racial, idealizado por Freyre.

Quando indagamos sobre o que estes pesquisadores investigaram nestes trinta e quatro anos, os dados mostraram que esses trabalhos constituem uma diversidade de interesses, explorando espaços e situações que extrapolam o espaço do sistema educacional, estando, entretanto, a ele diretamente relacionado. Assim, temos pesquisa que analisam grupos culturais de matriz africana; vida e trajetória de mulheres negras; territórios/comunidades de predominância afro -descendentes (rurais e urbanas); biografias de personalidade negras; movimentos sociais negros; rede mundial de computadores; dados oficiais de organizações governamentais brasileiras e bibliografias sobre o negro brasileiro. Temos também um grupo de pesquisadores que se dedicaram à

análise de aspectos no interior de instituições educacionais em quase todos os seus ângulos e constataram que estas instituições penalizam sobremaneira a população negra.

Temos ainda pesquisas que estudam as crianças negras; adolescentes negros; rituais pedagógicos de professores; relações entre grupos raciais presentes no interior da escola; o livro didático; os currículos; cursos pré-vestibulares para negros e carentes; o ensino superior; os PCNS (Parâmetros Curriculares Nacionais) a LDB (Lei Diretrizes e Bases da Educação) e os Temas Transversais.

Os achados destas pesquisas estão no fato de denunciarem vigorosamente os prejuízos a que a população negra está sujeita dentro das instituições educacionais em todos os níveis, nas relações inter-pessoais, recursos e práticas pedagógicas. Mostram que, em contrapartida, entre os grupos culturais e movimentos sociais negros, a situação é oposta, uma vez que nestes a população negra se sente valorizada, e por fim, que essa realidade pode ser modificada por uma ação que respeite as diferenças étnico-raciais.

Em síntese, no tocante às pesquisas, existem certas peculiaridades, tais como: são realizadas em sua maioria em universidades públicas e nem todas foram financiadas. A maioria foi produzida e realizada na região Sudeste, por outro lado, a região Norte está praticamente descoberta e, por fim, os trabalhos representam a confirmação de que no Brasil o preconceito e a discriminação são institucionalizados, visto que mostram os prejuízos de que são vitimadas a população negra, em todos os aspectos e níveis dentro do sistema de ensino. Procuramos ainda identificar, nesta pesquisa, as principais concepções de negro, relações raciais e educação.

Concernente à concepção de negro, as pesquisas estão sensíveis às várias possibilidades de se identificar negro neste país. Há, portanto, os autores que salientam que a identificação do negro passa pela sua localização na estrutura social; outros recorrem à classificação, segundo o órgão IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística); outros recorrem à concepção de identidade étnica, além dos que utilizam a auto- classificação e a descendência. Porém, apesar das várias possibilidades para se identificar o negro ou seus descendentes, todos os pesquisadores conseguem perceber os prejuízos, preconceitos e discriminações a que esta população está sujeita.

Em se tratando de relações raciais, podemos perceber que existe uma incessante preocupação por parte destes de mostrar, de forma contundente que o Brasil não é um país de relações raciais harmoniosas; alguns chegam a expressar a intencionalidade de se pregar essa singularidade como mecanismo para estigmatizar a população negra e/ou para mascarar as desigualdades raciais neste país. Os

pesquisadores mostram quais as relações raciais no Brasil são assimétricas e, para comprovar essa situação, afirmam que as relações raciais penalizam os negros seja por inferiorizá-los enquanto grupos, por desvalorizar a sua cultura ou por mantê-los nos estatutos inferiores da hierarquia social.

No tocante à concepção de educação, pudemos identificar, considerando tanto as críticas como as sugestões que estes pesquisadores fizeram à educação, que os mesmos têm uma concepção de educação que transcende a simples escolarização, e persegue, entre outros, o objetivo de educar para a vida, tendo como pressuposto o respeito pelas particularidades étnico-culturais dos diferentes grupos que vivem nesse país.

Em suma, os dados da pesquisa mostram que os preconceitos e as discriminações a que os negros estão sujeitos no sistema de ensino é institucionalizado, uma vez que dentro dele e em todos os seus níveis e aspectos, os negros estão sujeitos a prejuízos. Os resultados sinalizam também para a necessidade de ações no sentido de implementação de discussões sobre a diversidade étnico-cultural nos cursos de formação de professores. Sendo assim, qualquer ação que se disponha contribuir para reverter a situação de inferioridade da população negra no interior do sistema educacional pressupõe sua redefinição com maciços investimentos e apresentação de encaminhamentos no sentido de uma democratização nas relações e valorização do negro e de sua cultura no interior do mesmo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTIDE, Roger. *Brasil: terra de contrastes*. Rio de Janeiro/São Paulo. 8.^a ed. Difel. 1978.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro. 42.^a ed. Record. 2001.

RIBEIRO, Cristiane Maria. *Anti- racismo e educação: o projeto político pedagógico das lideranças negras de Uberlândia*. Dissertação de Mestrado (Educação). UFU. 2000.

_____. *Pesquisas sobre o negro e a educação no Brasil: uma análise de suas concepções e propostas*. Tese de Doutorado (Educação).UFSCAR. 2005.

RODRIGUES, Raimundo Nina. *O animismo fetichista dos negros baianos*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1935.

VIANNA, José Francisco de Oliveira. *Raça a Assimilação*. Rio de Janeiro. Livraria José Olympio .1959.